

CGTP
INTERSINDICAL NACIONAL

Director: Fernando Gomes Série II | n.º 6 | Dezembro 2015
ISSN: 1647-7340

Cultural

FRANCISCO CANAIS ROCHA



PERFEITO DE CARVALHO

UM SINDICALISTA DA PRIMEIRA REPÚBLICA

(1908-1922)



Lançamento a 28 de
Janeiro de 2016, na
Biblioteca Municipal
Gustavo Pinto Lopes,
Torres Novas.

Conseguimos! Derrotámos o governo PSD/CDS! Com este novo ciclo abre-se uma porta de esperança para o país, para o sector cultural e seus trabalhadores.

As exigências são, contudo, enormes. Os últimos anos de austeridade e retrocesso civilizacional provocaram consequências desastrosas sobre os trabalhadores e a sociedade em geral. E o sector cultural é, também ele, como sabemos, um involuntário herdeiro deste pesado fardo que sobre ele se abateu. As estatísticas do INE sobre esta área tão transversal da nossa sociedade, nomeadamente as *Estatísticas da Cultura 2014*, recentemente divulgadas, falam por si. É notório o desinvestimento público que, especialmente nos últimos quatro anos, tem vindo a penalizar a criação cultural em Portugal, tanto a nível central como local.

A recuperação do Ministério da Cultura pode indiciar um intuito de mudança de paradigma que restitua a dignidade que o sector merece. Neste contexto, quisemos lembrar, neste *CGTP Cultura*, os problemas que mais afectam os trabalhadores da cultura, tal como são sentidos e caracterizados pelos próprios e seus representantes e activistas. Os desafios aí estão. Assim queira o novo governo enfrentá-los seriamente e, ouvindo os trabalhadores, saiba contribuir para as soluções que se impõem.

Pela nossa parte, reafirmaremos no XIII Congresso da CGTP-IN, que se avizinha (Fevereiro de 2016), o compromisso de nos batermos por «Uma política cultural que assegure o acesso aos meios e instrumentos de criação e fruição culturais.»

Volvidos quase 41 anos sobre o 1.º Congresso da CGTP-IN, porque importa manter viva a memória de um período tão importante da nossa história colectiva contemporânea, porque o movimento operário e sindical português tem uma história que, remontando ao século XIX, é tão pouco conhecida entre nós, destacamos, na rubrica “Livros”, duas obras que nos oferecem um valioso contributo para o conhecimento desse percurso. Neste espaço, destacamos, porque se aproxima a data do seu lançamento, em Janeiro, em Torres Novas, a obra de Francisco Canais Rocha, primeiro coordenador da Intersindical após o 25 de Abril. Contamos com a vossa presença! Na crónica literária, Domingos Lobo evoca a obra de Fernando Dacosta, neste mês em que se assinala o seu aniversário, referindo-se a uma escrita de “afectos”, obra que nos questiona “enquanto povo, enquanto país”.

Fernando Gomes

Membro da Comissão Executiva do Conselho Nacional
Responsável pelo Departamento de Cultura e Tempos Livres
e Centro de Arquivo e Documentação da CGTP-IN

Índice

FICHA TÉCNICA

Título: **CGTP Cultura**
Série II, n.º 6, Dezembro 2015

Director: **Fernando Gomes**

Edição: **CGTP-IN – Departamento de Cultura e Tempo Livres**

Revisão: **Filipe Caldeira**

Periodicidade: **Semestral**

Tiragem: **6000**

Layout e paginação: **Formiga Amarela – Oficina Textos e Ideias**

Impressão e acabamentos: **Formatavulso, Unipessoal, Lda.**

Capa: **Bando precatório a favor das vítimas da Revolução Republicana 1910, capa do livro Perfeito de Carvalho, um sindicalista da Primeira Republica de Francisco Canais Rocha**

Distribuição gratuita

Depósito Legal n.º: **339188/12**

ISSN: **1647-7340** (versão impressa);

1647-7359 (versão electrónica)

Contactos:

© **CGTP-IN**

Rua Victor Cordon, n.º 1, 2.º

1249-102 Lisboa

Tel.: **213 236 500**

Fax: **213 236 695**

cad@cgtp.pt

O boletim pode ser consultado, também, em <http://cad.cgtp.pt>.

Apoio de:



| | |
|--|----|
| CENA – Os desafios da acção | 3 |
| STE – A situação dos trabalhadores da cultura | 4 |
| Responsáveis do “Manifesto Em Defesa Da Cultura” defendem implementação do conceito “serviço público de cultura” | 6 |
| Actividades do Centro de arquivo e Documentação: Arquivo fotográfico enriquecido com colecção Armindo Cardoso | 9 |
| Fernando Dacosta – A escrita como património de afectos e da Memória | 12 |
| Perfeito de Carvalho: Um sindicalista da Primeira República (1908-1922) | 15 |
| Vítor Ranita Escreveu “Obreiros da Nossa História: Os Metalúrgicos” | 16 |
| Movimento Sindical Unitário – Iniciativas culturais, desportivas e de tempos livres | 17 |
| Sessão evocativa 40 anos da Reforma Agrária em Arraiolos | 18 |
| Cartão CGTP: Protocolos | 20 |

Uma intervenção sindical estruturada e que responda na justa medida aos interesses dos trabalhadores necessita de informação. É obrigação dos dirigentes estar a par da realidade dos locais de trabalho, dos problemas específicos e dos problemas gerais que afectam todos os profissionais do sector representados num Sindicato.

Os desafios da acção



Apresentação dos novos órgãos sociais do CENA. Porto, 11 de Julho de 2015.

Respondendo à necessidade de informação sobre a realidade concreta em que estamos, a primeira medida da direcção do CENA, eleita em Junho, foi o lançamento de um questionário aos trabalhadores do espectáculo e do audiovisual. Um questionário simples mas que nos dará valiosas informações em três áreas fundamentais: contratação, situação financeira, situação social. Queremos e cremos que, em conjunto e com contacto cada vez mais constante com os trabalhadores, este será um passo importante na criação de condições para exigir de forma consistente e definitiva a criação de instrumentos de regulamentação do sector.

A acção sindical do CENA é dificultada pela dispersão dos trabalhadores por diferentes e muito diversos locais de trabalho. A queda abrupta e exponencial dos contratos e locais permanentes de trabalho espalhou forças, dificultou a criação de redes sustentadas de solidariedade e trouxe a estes profissionais um sentimento de impotência na resolução dos seus problemas específicos.

Esta impotência que sentem está umbilicalmente ligada à precariedade permanente em que vivem, à noção clara de que estão de passagem naquela estrutura.

É essencial que sejamos capazes de activar mais e melhor a união dos trabalhadores nos locais de trabalho, dos que têm vínculos estáveis — apesar de a estabilidade estar sob a ameaça constante da Lei 4/2008 e alterações de 2011 — e dos que têm vínculos precários. É essencial que nenhum trabalhador deixe de exigir os seus direitos por se ver rodeado de outros que se debatem com situações de injustiça muitíssimo mais graves. Este recolhimento da acção facilita o ataque às leis laborais. São as pequenas

vitórias que nos dão condições concretas e objectivas para o fortalecimento da posição do Sindicato e dos trabalhadores nas lutas gerais e mais complexas que temos pela frente.

A concretização destas aspirações só é possível se abandonarmos a posição de reacção a situações pontuais, individuais e/ou colectivas, e tomarmos a iniciativa da acção. Para isto é vital que o CENA esteja mais informado e presente nos locais de trabalho. Estamos prontos para o desafio, contamos com os trabalhadores para o alcançar.

André Albuquerque

Presidente do CENA – Sindicato dos Músicos,
dos Profissionais do Espectáculo e do Audiovisual
Novembro de 2015

É essencial que sejamos capazes de activar mais e melhor a união dos trabalhadores nos locais de trabalho, dos que têm vínculos estáveis — apesar de a estabilidade estar sob a ameaça constante da Lei 4/2008 e alterações de 2011 — e dos que têm vínculos precários.

Os últimos anos foram especialmente graves para os trabalhadores das artes de espectáculo e do audiovisual. Os sucessivos cortes nos orçamentos de Estado conduziram a uma redução drástica no que diz respeito à cabimentação da cultura. Um orçamento diminuto, quase invisível, é, claramente, revelador da posição – ou da atitude – que estes (ex) governantes têm face a este problema.

STE

– A situação dos trabalhadores da cultura

O depreciar duma estratégia política séria da cultura levou a uma desvalorização das condições de trabalho destes profissionais. Alastrou-se ainda mais a precariedade, o desemprego, os baixos salários e o trabalho não remunerado.

4 | A precariedade acaba por assumir o problema central na vida dos trabalhadores da cultura. A instabilidade, a imprevisibilidade e os baixos salários obrigam-nos muitas vezes a ter de encontrar outros trabalhos, muitas vezes fora do sector, para conseguir uma vida que nos dê um pouco mais que nada.

Os recibos verdes são, neste momento,

o vínculo comum, e não são raros os casos que o Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos tem acompanhado em que o problema não é só a instabilidade do vínculo, mas tudo o que é permitido além disso. Desde salários que não são pagos porque não existe nenhum documento escrito que defina quaisquer valores. Até a horários que são abusivamente ultrapassados, porque na verdade não existe qualquer horário acordado. Com a destruição de estruturas de criação e/ou programação veio a eliminação de mais postos de trabalho. Isto aliado à falta ou à indevida protecção social, à instabilidade e à obrigatoriedade dos

trabalhadores a recibos verdes de pagarem a sua própria segurança social, sem terem essa responsabilidade dividida com a entidade patronal.

São estas razões que levam o STE a actuar firmemente no combate aos recibos verdes e a estar frontalmente contra toda a precariedade. Foi nesse sentido que o STE actuou em vários locais de trabalho e entregou no Ministério das Finanças um recibo verde gigante com várias medidas para o fim dos recibos verdes. Assim como para um reajuste no pagamento das dívidas dos trabalhadores à segurança social.



© Inês Selixas

Iniciativa do STE contra os falsos recibos verdes. Lisboa, 2014.



© STE

Iniciativa do STE contra os falsos recibos verdes. Lisboa, 2014.

Se foram também estas lutas que travaram a política desastrosa de PSD e CDS-PP, será a continuidade da luta que travará a política de direita, e será nesse sentido que iremos encetar novas formas de luta, nos locais de trabalho, em torno dos problemas específicos de cada trabalhador, mas também nos mais transversais. Aproveitando o novo quadro político onde nada impede esta nova maioria parlamentar de concretizar duas das coisas que prometeu: combater a

precariedade e concretizar um maior financiamento para a cultura. A Lei 4/2008 revelou-se mais do que insuficiente, a necessidade de a par do reforço das verbas para a cultura haver uma verdadeira revisão dos concursos do apoio às artes que coloque como obrigatório o recurso a contrato de trabalho; um verdadeiro reforço dos meios da ACT com uma acção geral de combate

Os recibos verdes são, neste momento, o vínculo comum, e não são raros os casos que o Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos tem acompanhado em que o problema não é só a instabilidade do vínculo, mas tudo o que é permitido além disso. Desde salários que não são pagos porque não existe nenhum documento escrito que defina quaisquer valores. Até a horários que são abusivamente ultrapassados, porque na verdade não existe qualquer horário acordado.

5

à precariedade e conversão dos falsos recibos verdes em contratos de trabalho. É hoje claro que a totalidade dos recibos verdes na cultura são falsos recibos verdes. Isto porque todos eles estão sujeitos a uma de três condições:

- Usarem meios técnicos da entidade empregadora;
- Terem horários de ensaio e de espectáculo definidos pela entidade que “contrata”;
- Ter um salário ou cachet definido pela entidade para quem prestam serviços.

É neste princípio que o STE tem actuado e irá continuar a actuar para contribuir para a melhoria das condições de vida dos trabalhadores e para a estabilidade destes profissionais, o que será, consequentemente, uma garantia de uma melhor qualidade no tecido cultural de Portugal.

Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos (STE)
Novembro de 2015



Desfile “Cultura em Luta”. Lisboa, 9 de Junho de 2015. © STE

Os efeitos das políticas de austeridade sobre os sectores de actividade cultural fizeram movimentar muitos profissionais numa luta sem tréguas aos eixos ideológicos que sustentavam as medidas adoptadas pelo governo. Surgiu assim o “Manifesto em Defesa da Cultura”. O CGTP Cultura foi ouvi-los.

Responsáveis do “Manifesto Em Defesa Da Cultura” defendem implementação do conceito “serviço público de cultura”

C: De que forma é que as políticas de austeridade têm vindo a afectar o sector da Cultura em Portugal?

MDC: As políticas de austeridade abateram-se com especial violência sobre os sectores da actividade cultural, não apenas pela sua intensidade e os eixos ideológicos que as definiram, mas também porque esses ataques se produziram de múltiplos flancos. A sua dimensão mais mediatizada foram as políticas de governo que visaram directamente a actividade cultural, nos campos da produção artística, do património, do ensino especializado e do tecido associativo, reduzindo ou eliminando drasticamente os apoios financeiros, sem os quais ela não sobrevive, porque não sobrevive a sua liberdade, qualidade e diversidade. As políticas culturais, no sentido mais restrito, executaram profundas reestruturações na administração, nos serviços e nas funções culturais do Estado, desqualificando, desorganizando e tornando-os inoperacionais. Promovendo a acelerada mercantilização da Cultura, os governos deram livre curso a operações de desresponsabilização do Estado, de alienação de bens, equipamentos e funções. Atiraram a actividade cultural para a dependência das “indústrias culturais e criativas”, das indústrias do entretenimento, da publicidade e do turismo e dessa forma de fuga fiscal a que chamam “mecenato”. Os resultados foram a forte redução da programação,



Desfile “Cultura em Luta”. Lisboa, 9 de Junho de 2015. © José Manuel Teixeira

a degradação dos serviços, a redução do quadro profissional das organizações ou o encerramento definitivo de estruturas. Os sectores da actividade cultural sofreram ainda outros ataques igualmente mortíferos. As políticas de exploração e empobrecimento corroeram profundamente o corpo de trabalhadores, criadores e dinamizadores disponíveis, provocando níveis elevados de desemprego, redução dos rendimentos, precariedade, abandono da actividade e emigração massiva. Finalmente, as políticas de austeridade abalaram um sector que nunca teve a robustez necessária, destruíram esforços de décadas e abriram um

buraco negro no nosso tempo, o de uma geração inteira, privada da construção do património do futuro, impedida de exercer capacidades e vontades.

C: Quais as reivindicações do Manifesto em defesa da Cultura?

MDC: Aquilo que inspira a nossa acção é a exigência de outra política para a Cultura, em tudo contrária à que tem sido praticada. Exigimos o cumprimento do postulado constitucional que define o acesso de todos à Cultura como um direito que responsabiliza o Estado. Entendemos o acesso à Cultura como o direito de todos à experiência da criação e da produção cultural, ao longo da vida, não aceitando a divisão de papéis imposta, pela qual a uns é reservado o

Reivindicamos a garantia de espaço de criação, difusão e apresentação da produção nacional.



Desfile “Cultura em Luta”. Lisboa, 9 de Junho de 2015. © José Manuel Teixeira

direito de criar, e a outros o direito de fruir. Reivindicamos a implementação do conceito de “serviço público de Cultura”, que implica o reconhecimento público da livre acção do tecido de estruturas e práticas que a sociedade gera, por um lado, e da acção de serviços essenciais do Estado, por outro, assegurando em todo o território e a todos os cidadãos um espectro rico de possibilidades de aprendizagem, prática, criação e fruição. Exigimos dignidade no trabalho, pondo termo à precariedade, promovendo a contratação colectiva, respeitando os direitos laborais e sociais e criando condições de financiamento que favoreçam remunerações justas. Reivindicamos a

conservação e valorização do património nacional e a salvaguarda do património ameaçado. Reivindicamos a garantia de espaço de criação, difusão e apresentação da produção nacional. No plano orçamental, a exigência de 1% do PIB para a Cultura busca assegurar materialmente o sucesso de tal política.

C: Quais as propostas do Manifesto no sentido de combater a situação diagnosticada no sector da Cultura?

MDC: A principal condição para combater este estado de coisas, definidos que estão os eixos de uma política alternativa, é a persistência de um forte movimento de luta política e de massas que mobilize os cidadãos em torno da bandeira da Cultura, que coloque os problemas e as exigências da esfera da Cultura, numa perspectiva democrática, no

eixo da luta geral do povo português por uma vida melhor, e que estabeleça as alianças necessárias para que esta luta tenha uma raiz eminentemente popular. O Manifesto em defesa da Cultura é e tem sido um veículo importante dos esforços para unificar diferentes vectores de acção política no campo da Cultura, tanto com vista ao alargamento da sua base social, como para a construção de uma carta reivindicativa, unificada e ao mesmo tempo relevante para cada sector da Cultura.

C: Qual o balanço das acções públicas que o Manifesto tem vindo a promover, nomeadamente o desfile “Cultura em Luta”, realizado no dia 9 de Junho deste ano, entre o Largo do Camões e o Cais das Colunas, em Lisboa?

MDC: Os “Dias da Cultura em Luta”, que decorreram no mês de Junho e tiveram o seu ponto alto no desfile de dia 9, foram uma iniciativa do Manifesto em defesa da Cultura, logo abraçada por um grande número de organizações com um vasto espectro de representatividade

Exigimos o cumprimento do postulado constitucional que define o acesso de todos à Cultura como um direito que responsabiliza o Estado. Entendemos o acesso à Cultura como o direito de todos à experiência da criação e da produção cultural, ao longo da vida, não aceitando a divisão de papéis imposta, pela qual a uns é reservado o direito de criar, e a outros o direito de fruir.

de, tanto pelo número de associados e âmbito geográfico, como pela diversidade de sectores representados e tipos de organização. Fizeram parte deste processo grandes organizações nacionais, como a CGTP-IN, a Federação Nacional de Sindicatos dos Trabalhadores em Funções Públicas e Sociais, a FENPROF, a Confederação das Colectividades e a Associação Portuguesa de Bibliotecários,

Arquivistas e Documentalistas; associaram-se os sindicatos relevantes das áreas culturais, como o Sindicato dos Trabalhadores da Arqueologia, o STE e o CENA; aderiram colectividades populares e estruturas de criação artística. Dizer que foi a primeira vez que se realizou uma acção de massas em defesa da Cultura e das suas preocupações específicas; que se mobilizaram pela primeira vez, com estes objectivos, as citadas organizações, de um conjunto de 64; que um tal processo juntou cidadãos interessados, artistas, dirigentes sindicais e activistas do movimento associativo popular; dizer tudo isto é bastante para considerar os “Dias da Cultura em Luta” como um marco, inicial mas incontornável, da luta por outra política para a Cultura. E por isso mesmo, esta luta tem de continuar.

Novembro de 2015



Desfile “Cultura em Luta”. Lisboa, 9 de Junho de 2015.

A mais recente “jóia da coroa” do Centro de Arquivo e Documentação é a colecção de imagens fotográficas de Armindo Cardoso, repórter que fez parte dos quadros do Departamento de Informação da CGTP-IN, entre 1975 e 1979.

Actividades do Centro de Arquivo e Documentação: Arquivo fotográfico enriquecido com colecção Armindo Cardoso



1.º Congresso da CGTP-IN. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 25-27 de Julho de 1975.

© CGTP-IN/Armindo Cardoso/862-75

O Centro de Arquivo e Documentação (CAD) da CGTP-IN tem vindo a dar continuidade ao tratamento arquivístico do acervo fotográfico, que, a par das colecções de jornais/revistas *Alavanca* e de cartazes, constitui a documentação mais procurada, tanto por utilizadores internos como externos.

Este trabalho consiste na descrição e na digitalização desta documentação, uma forma de a preservar, a longo prazo, evitando o manuseamento dos originais e promovendo a sua divulgação em linha (sítio web do CAD). Ao tornar esta documentação acessível para consulta, este trabalho assume-se, também, como um contributo para o desenvolvimento do estudo do movimento operário e sindical



8.º Aniversário da CGTP-IN. Campo Pequeno, Lisboa, 30 de Setembro de 1978.

© CGTP-IN/Armindo Cardoso/570-78



1.º de Maio de 1979. Lisboa.

© CGTP-IN/Armindo Cardoso/595-79



1.ª Conferência Nacional de Organização Sindical. Pavilhão dos Desportos, Lisboa, 17-18 de Fevereiro de 1978.

© CGTP-IN/Armindo Cardoso/444-79



1.º de Maio de 1979. Lisboa.

© CGTP-IN/Armindo Cardoso/585-79

no pós-25 de Abril.

A actividade mais recente do CAD no que a este acervo diz respeito passa pelo tratamento de uma colecção de fotografia que a CGTP-IN adquiriu, em Dezembro de 2010, ao fotógrafo Armindo Cardoso. Trata-se de um acervo produzido no âmbito da actividade de Armindo Cardoso enquanto repórter fotográfico do departamento de Informação e Propaganda Sindical da Intersindical entre 1975 e 1979; é constituído por 5663 negativos, a preto e branco, no formato 35mm, que correspondem a reportagens fotográficas de algumas das actividades realizadas naqueles anos pela Intersindical e outras estruturas sindicais a ela afectas, vindo a complementar o escasso número de fontes escritas que, sendo produzidas naquele período, chegaram até nós. No quadro da actividade desenvolvida pela CGTP-IN, destacam-se as seguintes reportagens:

- 1.º Congresso da CGTP-IN, realizado entre 25 e 27 de Julho de 1975, na Fundação Calouste Gulbenkian;
- 2.º Congresso da CGTP-IN, o Congresso de Todos os Sindicatos (27 a 30 de Janeiro de 1977), que inclui os trabalhos preparatórios;
- Visitas de delegações estrangeiras à CGTP-IN;
- Conferência sindical nacional sobre os problemas da mulher trabalhadora, realizada entre 4 e 5 de Novembro de 1978, na Voz do Operário;
- Encontros e conferências sobre a Reforma Agrária;
- Encontro nacional sobre problemas da emigração, realizado em Coimbra, em 14 de Agosto de 1976;
- Plenários de sindicatos;
- Primeiros de Maio em várias localidades;
- Manifestações;
- Greves;
- Conferências de imprensa;
- Outras actividades.

Entre Outubro de 2014 e Março de 2015, com o apoio do Programa Operacional Potencial Humano (POPH/QREN), foi possível tratar uma parte desta colecção. Foram contemplados 1500 negativos, que foram numerados, descritos e digitalizados. O acesso às descrições e respectivas



© CGTP-IN/Armindo Cardoso/660-79

imagens pode ser efectuado através do sítio web do CAD: <http://cad.cgtp.pt/ica/index.php/55071;isad>.

Em Setembro de 2014, no âmbito da XVII Convocatória do Programa ADAI (Apoio ao Desenvolvimento dos Arquivos Ibero-Americanos), submeteu-se uma proposta de tratamento do arquivo fotográfico da CGTP-IN, com o propósito de se dar continuidade ao tratamento arquivístico da colecção Armindo Cardoso. Tendo o projecto sido aprovado, a actividade iniciar-se-á em 2016, estando contemplados 700 negativos, relacionados com a solidariedade sindical e as relações da CGTP-IN com as suas congéneres ibero-americanas.

1.º de Maio de 1979. Lisboa.

A colecção de Armindo Cardoso é constituída por 5663 negativos, a preto e branco, no formato 35mm, que correspondem a reportagens fotográficas de algumas das actividades realizadas entre 1975 e 1979 pela Intersindical e outras estruturas sindicais a ela afectas, vindo a complementar o escasso número de fontes escritas que, sendo produzidas naquele período, chegaram até nós.



© CGTP-IN/Armindo Cardoso/338-79

Manifestação contra o projecto Gonelha. Lisboa, 27 de Junho de 1979.

Doações de acervos documentais à CGTP-IN

União dos Sindicatos de Santarém

Os documentos testemunham a actividade sindical e laboral no distrito de Santarém, bem como em outros locais e noutras iniciativas em que aquela União participou desde a década de 1980. A doação formalizou-se no dia 22 de Julho de 2015, com a assinatura do auto de doação, na sede da CGTP-IN, por parte de Fernando Gomes, responsável pelo Centro de Arquivo e Documentação (CAD), e Rui Aldeano, coordenador da união sindical do distrito escalabitano. Esta documentação será sujeita a tratamento arquivístico no CAD, sendo depois disponibilizada a sua descrição para consulta no sítio web deste Centro.

Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos (STE)

Com a mudança de instalações, o STE doou parte do seu arquivo histórico à CGTP-IN, constituído por cartazes, uma colecção da revista *Bastidores*, livros de actas e de contabilidade que remontam à década de 1930, bem como outra documentação textual.

É-me fácil e, simultaneamente, difícil abordar, mesmo que de forma lateral, a obra de Fernando Dacosta: é-me difícil essa distanciação crítica quando a escrita do Fernando se atrela, em desmesura, ao amor a este chão e às suas gentes, mesmo quando lhes descobre e revela as faces obscuras e até sórdidas do todo que somos. É de afectos, sempre, essa escrita madura e dúctil, infrene de sentidos.

Fernando Dacosta A escrita como património de afectos e da Memória

Por Domingos Lobo

A escrita de Dacosta transporta essa *encruzilhada de duas naturezas*, de que falava Torga, essa atmosfera identitária e sensível, o *panorama do humano*. É uma obra que vive da conjugação das nossas inquietações, atravessada pela memória colectiva do século XX, enquanto matéria de funcionalidade de uma peculiar abordagem da arte literária; obra que constantemente nos interpela e, questionando-nos enquanto povo, enquanto país, enquanto projecto emanado de um singular modo de ser, nos coloca perante as raízes da essência; das errân-

cias, dos medos, dos torvelinhos mansos e sornas, das grandezas e misérias de uma história em permanência instável, mas com picos de genialidade; obra que nos dá a ver os dois ângulos desta pátria miúda: o Portugal ignorante, medroso, conservador, manhoso, opaco, mesquinho, o país que dá vontade de morrer do Alexandre Herculano, e o outro, o país solar, criativo, transgressor, generoso e culto, fecundo, dialéctico e substantivo, percorrendo os imaginários das últimas décadas do fascismo: seus rituais de intriga engravatada, suas manhosas teias, sua tacanha ruralidade, sua ignóbil, inumana violência, seu beato cinismo, seu império do medo, constituindo-se acervo memorialístico raro na nossa literatura. Da Guerra Colonial, passando pelas sequelas do abandono e da queda do império em *O Viúvo*, retomando, na saga de Mestre Dias, o ciclo da colonização e das descobertas, da fuga a inquisitoriais medos, à fome e à peste, em *Os Infiéis*, Dacosta constrói um admirável fresco sobre uma geração, um país, um tempo de prodígios e de assombros invulgares e o assolar dos seus fantasmas históricos. Fernando Dacosta é o cronista por excelência de um tempo português, da segunda metade do século XX (*As Máscaras de Salazar*, *Nascido no Estado Novo*, *Os Retornados Estão a Mudar Portugal*, *O Botequim da Liberdade*) e dos ícones que lhe deram seiva e lastro. Vencedor em 1983 de um prémio de teatro da RTP, esse brilhante e demolidor



**De Nascido no Estado Novo, repesco, como
legenda aos dias que vivemos, uma das
muitas premonições de Natália Correia: «Pela
primeira vez na minha vida tenho medo.
As forças do mal estão a ganhar terreno, a
perverter a democracia, a solidariedade.
A violência vai explodir.»**

texto que é *Um Jipe em Segunda Mão* permanece como uma das peças fundamentais sobre as sequelas da Guerra Colonial, esse longo, doloroso período na nossa história recente. Temos, deste modo, uma escrita que convoca a memória e os afectos, os lugares, os vícios, as transgressões, a luz e a obscuridade de que somos feitos: que nos desnuda com acutilância e pudor. Por esse território onírico, reconhecível e fantástico, com pés de barro ou tocando astros, todos, nos mais imperecíveis sinais, por lá andamos; viajantes nocturnos, andróginos em solidões sem expiação, em busca de mundos a haver, dentro e fora de nós, perdidos na rarefeita imensidão dos signos que o autor, para nosso rememorativo apaziguamento ou sobressalto, convoca.

Os romances *O Viúvo* e *Os Infiéis*, pelo modo de abordagem, pela utilização formal da linguagem, fazem parte de um período feliz e exultante da nossa literatura (os anos 1980/90) em que apareceram «casos de indiscutível qualidade no panorama de veras estimulante da nossa ficção contemporânea» como refere Maria Alzira Seixo.

Dois livros de Dacosta esmiúçam, em painel de afectos e desassombros, as últimas décadas do consulado do ditador de Santa Comba: *Nascido no Estado Novo* e *As Máscaras de Salazar*.



Com *As Máscaras de Salazar*, não as do ditador, ou não apenas as dele, mas as máscaras de todos os que o rodeavam e ajudaram a erigir esse monumento de opressão cínica, de hipocrisia institucionalizada, de crime sacralizado. Com esses livros, a que poderíamos juntar *O Botequim da Liberdade*, pela importância que a obra e os nomes nele referidos tiveram no imaginário político, cultural, artístico da *pólis*, tanto na resistência, como na colaboração com o regime, Dacosta lança um olhar novo e lúcido sobre um personagem que nos habituamos a ver e a sentir de longe e cujo nome era sussurrado com os dentes cerrados e os lábios abertos num escárnio repulsivo. Dacosta entra-lhe em casa, desmonta-lhe a intimidade, dá-nos a imagem passo a passo de um ditador perdido em labirintos de retrós, um *dulce* de opereta,

soturno, provinciano, perverso e astuto; ao mesmo tempo percorre a noite fascista, os vícios encobertos, os interditos, os medos, os crimes – e o esplendor solar, criativo, mesmo que em *subterrâneos de liberdade* dos que sempre se negaram à desistência e à rendição.

Lidando, por questões do ofício de repórter, de perto com Salazar e a sua corte próxima, Dacosta traça da sinistra figura um retrato pleno de contrastes, luz e sombras, denunciando a mesquinhhez, o compadrio untuoso, a estreiteza de vida íntima de um rural (*o manholas*, como a ele se referia Armindo Rodrigues) que, na plácida clausura de São Bento, sonhava um país de montes e valados,



14 | de sinos tocando pelas matinas, estático e reverencial, vigiado, submisso e medroso, pobrete e alegrete, castigando a pai-nossos persecutórios pecados da carne e colaterais. Um país povoado de serranias de vento e casebres miseráveis, as casas celtiberas de que nos fala Jorge de Sena, campanários erguidos às virgens das trovoadas, plasmadas em azinheiras de nevoeiro, em louvor da ignorância e do obscurantismo, com progenitores austeros prontos a dar o pão e o safanão, a tempo e horas, professores armados de sobrolho carregado e vergastas de humilhação sem nome, mulheres piedosas e tementes, servidoras atentas e submissas, amarradas ao terço, aos remendos, à panela de sopa e à sardinha para três – um país de *padrinhos* mansos, com cinturão, moca e catecismo aprendido nos meandros da fome em lugar da indignação, da capacidade crítica, da lúcida rebeldia, da recusa e da revolta. País de luz apagada e futuro suspenso.

De *Nascido no Estado Novo*, repesco, como legenda aos dias que vivemos, uma das muitas premonições de Natália Correia: «Pela primeira vez na minha vida tenho medo. As forças do mal estão a ganhar terreno, a perverter a democracia, a solidariedade. A violência vai explodir.» No mesmo sentido, ainda que mais assertivo e perturbador, vão estas advertências de Agostinho da

Silva: «Vem aí o liberalismo selvagem, o desemprego massivo, o neocolonialismo, o neo-esclavagismo, o neofeudalismo, o neoterrorismo.»

Os grandes criadores, como os bons livros, anunciam, na sua peculiar fecundidade, o devir – sem manhas, sem subterfúgios.

A escrita de Fernando Dacosta percorre, igualmente, com determinação demiúrgica, com assertivo acinte, esse território de urgências, de avisos e de desafios.

Domingos Lobo

Vencedor em 1983 de um prémio de teatro da RTP, esse brilhante e demolidor texto que é *Um Jipe em Segunda Mão* permanece como uma das peças fundamentais sobre as sequelas da Guerra Colonial, esse longo, doloroso período na nossa história recente.

A CGTP-IN apresentará, a 28 de Janeiro de 2016, na Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes, em Torres Novas, o livro *Perfeito de Carvalho: um sindicalista da Primeira República (1908-1922)*, da autoria de Francisco Canais Rocha. Esta obra representa mais um importante contributo para o conhecimento da história do movimento operário e sindical português, ao qual a CGTP-IN tem vindo a dedicar uma linha editorial específica.

Perfeito de Carvalho: Um sindicalista da Primeira República (1908-1922)

Por FRANCISCO CANAIS ROCHA



Perfeito de Carvalho (1893-1958).

Tipógrafo de profissão, Francisco Perfeito de Carvalho (1893-1958) surge na actividade sindical com 15 anos e nela se destacaria como um dos mais destacados sindicalistas da Primeira República. Autodidacta e personagem multifacetada, Francisco Perfeito de Carvalho não foi apenas um destacado sindicalista dos gráficos, mas também uma figura de relevo do jornalismo, da cultura operária e da política neste período.

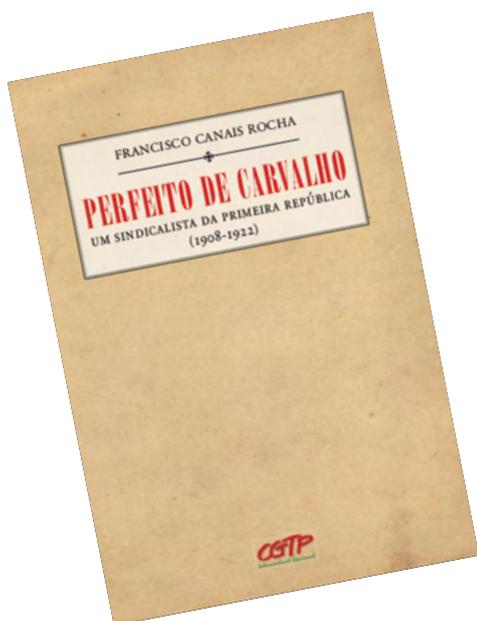
Alguns factos ajudam-nos a perceber porque: eleito secretário-geral da União Operária Nacional (UON), no seu primeiro congresso, realizado em Tomar, em 1914; director do semanário madeirense *Trabalho e União*; fundador do diário *A Batalha* (1919); delegado da Confederação Geral do Trabalho (CGT) à Rússia, em 1921, para o congresso constitutivo da Internacional Sindical Vermelha (ISV); participou nas reuniões preparatórias da constituição do Partido Comunista Português (PCP), em 1921.

É deste período intenso da vida de Perfeito de Carvalho, que medeia entre 1908 e 1922, que Francisco Canais Ro-

cha nos fala neste livro, o resultado da adaptação da dissertação de mestrado que defendeu, em 1990, no âmbito do Curso de Mestrado de História Contemporânea da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Com a publicação desta obra e a sua apresentação no próximo mês de Janeiro, altura em que o autor completaria 86 anos, na cidade em que nasceu, em 1930, a CGTP-IN sublinha a sua homenagem ao primeiro coordenador da Intersindical após o 25 de Abril.

Esta obra representa mais um importante contributo para o conhecimento da história do movimento operário e sindical português, ao qual a CGTP-IN tem vindo a dedicar uma linha editorial específica. Contam-se entre as últimas edições publicadas neste âmbito: *Contributos para a história do movimento operário e sindical* (vol. I, 2011); *CGTP-IN: 40 anos de luta com os trabalhadores (1970-2010)* (2011); *CGTP-IN: 43 anos a construir a igualdade entre mulheres e homens (1970-2013)* (2014).



Com a publicação desta obra e a sua apresentação no próximo mês de Janeiro, altura em que o autor completaria 86 anos, na cidade em que nasceu, em 1930, a CGTP-IN sublinha a sua homenagem ao primeiro coordenador da Intersindical após o 25 de Abril.

Atravessamos, nos últimos anos, um período de retrocesso civilizacional, em que forças passadistas andam a tentar fazer desmoronar o edifício de direitos sociais e laborais erigido durante décadas, muitas sob a ditadura. Importa, por isso, dar a conhecer às gerações mais novas a génese de luta e sacrifício dos direitos hoje ameaçados.

Vítor Ranita Escreveu “Obreiros da Nossa História: Os Metalúrgicos”



Em tal contexto de regressão civilizacional, só quem não quiser ver não descortinará a importância da luta sindical para a conquista e defesa de melhores condições de vida e de trabalho para toda a população.

Obreiros da Nossa História: Os Metalúrgicos¹

Vítor Ranita

16

Obra de um sindicalista, *Obreiros da Nossa História: Os Metalúrgicos*, de Vítor Ranita, não se retém apenas na descrição do combate de uma classe profissional com o seu antagonista patronal. Contextualiza também a vida do país numa época de lutas arrojadas em que os trabalhadores travaram e venceram muitas batalhas ainda durante a ditadura fascista. E faz-nos ter presente que, antes como hoje, o Estado sempre é usado por quem o governa em benefício de uma das partes.

Ancorada na experiência sindical do autor, mas igualmente sustentada em documentação histórica e bibliográfica, a obra começa por descrever a iniciação à profissão metalúrgica e os aspectos mais característicos da vida quotidiana dos seus operários em meados do século XX. É a partir desse enquadramento que são apresentadas as aspirações dos

operários para melhorar as suas condições de vida e de trabalho e as subsequentes acções para as concretizar por via da actividade sindical.

Em *Obreiros da Nossa História: Os Metalúrgicos* somos conduzidos desde a subjugação dos sindicatos a "instrumentos de política do regime" fascista, após 1926, até aos primeiros anos da revolução de 25 de Abril. Na descrição das movimentações e lutas dos trabalhadores, antes de 1974, faz adivinhar um lastro de organização que haveria de ser decisivo para fazer evoluir o golpe militar para uma revolução popular.

A formação da Intersindical, em 1970, o pós-25 de Abril de 1974 e os acontecimentos do trágico 1.º de Maio de 1982, no Porto, onde morreram duas pessoas, são datas históricas em que o autor se retém, certamente também pelo seu envolvimento próximo nestes momentos marcantes, especialmente neste último.

Júlio Cardoso

Em *Obreiros da Nossa História: Os Metalúrgicos* somos conduzidos desde a subjugação dos sindicatos a "instrumentos de política do regime" fascista, após 1926, até aos primeiros anos da revolução de 25 de Abril.

¹ Lisboa: Página a Página – Divulgação do Livro, SA, 2013, p. 16.

iniciativas

Movimento Sindical Unitário

Iniciativas culturais, desportivas e de tempos livres



© Sindicato Hotelaria Norte

V Corrida de Bandeja de Matosinhos

Data

25-05-2015

Iniciativa

V Corrida de Bandeja de Matosinhos, integrada nas comemorações do 117.º aniversário da fundação do sindicato (1898).

Organização

Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Norte – Departamento de Tempos Livres.

Notas

Conhece os vencedores no site do sindicato:

<http://www.sindhoteleirianorte.com/news.php>

V Corrida de Bandeja de Matosinhos.

Excursão-convívio

Data

9-08-2015

Iniciativa

Excursão-convívio – meia-volta à ilha da Madeira

Organização

Sindicato dos Trabalhadores na Hotelaria, Turismo, Alimentação, Serviços e Similares da RAM – Departamento de Tempos Livres.



© Sindicato Hotelaria Norte

XI Corrida de Bandeja de Viana do Castelo

Data

26-09-2015

Iniciativa

XI Corrida de Bandeja de Viana do Castelo, integrada nas comemorações do Dia Mundial do Turismo.

Organização

Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Norte – Departamento de Tempos Livres.

Notas

Conhece os vencedores no site do sindicato:

<http://www.sindhoteleirianorte.com/news.php>

XI Corrida de Bandeja de Viana do Castelo.

17



Sessão evocativa dos 40 anos da Reforma Agrária

Data

24-10-2015

Iniciativa

Sessão evocativa dos 40 anos do início da reforma agrária – Arraiolos

Organização

União dos Sindicatos do Distrito de Évora

Notas

Ler notícia específica, p. 18

Concurso de pesca desportiva

Data

25-10-2015

Iniciativa

Concurso de pesca desportiva – Paul do Mar, Calheta, Madeira

Organização

Sindicato dos Trabalhadores na Hotelaria, Turismo, Alimentação, Serviços e Similares da RAM – Departamento de Tempos Livres.

Festa de Natal destinada aos filhos dos associados

Data

Dezembro de 2015

Iniciativa

Festa de Natal destinada aos filhos dos associados, com entrega de brinquedos

Organização

Sindicato dos Trabalhadores na Hotelaria, Turismo, Alimentação, Serviços e Similares da RAM – Departamento de Tempos Livres.

A União dos Sindicatos do Distrito de Évora (USDE) realizou, no passado dia 24 de Outubro de 2015, em Arraiolos, uma sessão evocativa dos 40 anos do início da Reforma Agrária, que contou com a participação de muita gente que viveu essa experiência única da nossa história recente.

Sessão evocativa 40 anos da Reforma Agrária em Arraiolos

A iniciativa contou com a presença de uma delegação da CGTP-IN composta por José Augusto, membro da Comissão Executiva do Conselho Nacional que acompanha o distrito de Évora, e Arménio Carlos, secretário-geral.

18

A sessão iniciou-se com um almoço, proporcionando o convívio fraterno entre trabalhadores, dirigentes e delegados sindicais no activo e ex-dirigentes sindicais e de Unidades Colectivas de Produção (UCP), bem como de construtores da Reforma Agrária.

Contou igualmente com um amplo e participado espaço de debate, em que os oradores (Manuel Vicente, ex-dirigente do sindicato agrícola e da Intersindical; Victor Rodrigues, técnico agrícola, e Arménio Carlos) contribuíram para relembrar a história e o passado de conquista e avanços nos direitos laborais e sociais, a resistência e luta passada, projectando

o presente e futuro, sendo que se torna necessária e possível uma nova Reforma Agrária, impondo-se agora aos trabalhadores a intensificação da luta reivindicativa a partir das empresas e dos locais de trabalho, contribuindo para a construção de uma política de esquerda e soberana.

Destacamos ainda a parte cultural da iniciativa, em que se destaca uma exposição alusiva ao tema, organizada pela USDE, e com a grande peça de teatro “Reforma Agrária, 40 Anos, 3 Vozes do Teatro”, um projecto de Álvaro Côrte-Real, Rosário Gonzaga, Victor Zambujo (actores) e Luís Varela (guião e encenação). Uma peça de teatro que parte de um conjunto de documentos autênticos (entrevista, depoimentos, discursos, textos programáticos de partidos políticos, mas também de excertos de espectáculos em que os actores participaram). São montados excertos de



obras que versam a Reforma Agrária e o Alentejo, são lidos dois poemas de José Gomes Ferreira, um excerto da intervenção de Álvaro Cunhal na 4.ª Conferência da Reforma Agrária (12/13-04-1980) e ainda são utilizados no espectáculo programas políticos e projectos de redacção da Constituição de partidos com representação parlamentar na

A iniciativa contribuiu para relembrar a história e o passado de conquista e avanços nos direitos laborais e sociais, a resistência e luta passada, projectando o presente e futuro.



© CGTP-IN/Armando Cardoso/1216-71

2.ª Conferência da Reforma Agrária. Évora, 22-23 de Outubro de 1977.

Assembleia Constituinte. Os actores partilham, durante a peça, as memórias da sua chegada a Évora no ano de 1975, primeiro como alunos do grupo I da Escola de Formação Teatral, depois como jovens artistas de teatro no Centro Cultural de Évora, durante os anos da Reforma Agrária, relatando e testemunhando a grande transformação social e política que se produziu no Alentejo logo depois da Revolução de Abril. Em digressão permanente, com espectáculos de pequeno formato, pelas freguesias rurais do Alentejo, foram confrontados mais do que uma vez com momentos cruciais da Reforma Agrária: ocupações, manifestações de rua (com alegres bandeiras vermelhas, umas, com graves bandeiras negras, outras), entregas de reservas, o assassínio de Casquinha e “Caravela”, as conferências da Reforma Agrária. As dezenas de peças em que participaram nesse período foram muitas vezes momentos catalisadores de debates e

de trocas de ideias sobre a relação entre o trabalho teatral, o trabalho cultural, em geral, o seu trabalho, e a outra realidade vivida nos campos do Alentejo, a das UCP.

A peça foi acolhida com grande intensidade emocional, pois os protagonistas que a peça interpretava, como por exemplo Manuel Vicente, Rogério Arraiolos e António Gervásio, entre outros construtores da Reforma Agrária, encontravam-se presentes a assistir.

A peça trouxe ainda para a reflexão que, se se entender o público como um dos elementos estruturantes do fenómeno teatral, então o fim da Reforma Agrária foi também o fim do tempo de um certo modo de fazer teatro: houve um público da Reforma Agrária e houve um teatro na Reforma Agrária. Chamar ao palco vozes desse público, fazedores da História, e alguns momentos desse teatro de há quarenta anos é mais do que uma homenagem ou uma evocação: é a reafirmação do sentido do encontro do Teatro com o Mundo.

Cartão CGTP

Cartão CGTP: Protocolos

| Nome | Morada | Contactos | Desconto |
|--|--|--|--|
| Malaposta, Centro Cultural | Rua Angola, 2620-492, Olival Basto | Tel.: 21 932 09 40; reservas.malaposta@cm-odivelas.pt | 50% (excepto sessões de preço único) |
| Companhia de Teatro de Almada | Av. Prof. Egas Moniz, 2804-503 Almada | Tel.: 21 273 93 60; geral@ctalmada.pt | 50% |
| A Barraca: Companhia de Teatro | Largo de Santos, n.º 2, 1200-808 Lisboa | Tel.: 21 396 53 60; Fax: 21 395 58 45; barraca@mail.telepac.pt | 25% |
| A Escola da Noite: Grupo de Teatro de Coimbra | Teatro da Cerca de São Bernardo, 3000-097 Coimbra | Tel.: 23 971 82 38; Fax: 23 970 37 61; Telm.: 96 630 24 88; geral@aescoladanoite.pt | 20% |
| A Jangada: Cooperativa Profissional de Teatro | Quinta das Pocinhas, 4020-674 Lousada | Tel.: 25 581 56 01 | 10% |
| ACTA: Companhia de Teatro do Algarve | Escritório: Rua Antero de Quental, n.º 119, 8000-210 Faro; Estúdio: Rua Cunha Matos, n.º 23, 8000-262 Faro | Tel.: 28 987 89 08; geral@actateatro.org.pt | 30% |
| Aquilo Teatro | Largo do Torreão, s/n.º, Apartado 134, 6300 Guarda | Tel.: e fax: 27 122 24 99; aquilo.teatro@sapo.pt | 50% |
| Cena Aberta: Companhia Teatral de Santarém | Palácio João Afonso, Rua Miguel Bombarda, n.º 4, R/C, 2000-080 Santarém | Tel.: e fax: 24 332 88 54; Telm.: 91 985 05 90; cenaaberta@vodafone.pt | 30% |
| CENDREV: Centro Dramático de Évora | Teatro Garcia de Resende, Praça Joaquim António de Aguiar, 7000-510 Évora | Tel.: 26 670 31 12; geral@cendrev.com | 30% |
| Centro Cultural de Belém | Fundação Centro Cultural de Belém, Praça do Império, 1449-003 Lisboa | Tel.: 21 361 24 00; amigoccb@ccb.pt; ccb@ccb.pt | 20% na subscrição do Cartão Amigo CCB (30% caso a adesão seja feita por débito directo em conta) |
| Chão de Oliva: Companhia de Teatro de Sintra | Rua Veiga da Cunha, n.º 20, 2710-627 Sintra | Tel.: 21 923 37 19; Fax: 21 923 14 46; Telemóveis: 91 220 63 84; 91 616 86 39; chaodeoliva@chaodeoliva.com | 50% |
| Chapitô: Colectividade Cultural e Recreativa de Santa Catarina | Costa do Castelo, n.º 1/7, 1149-079 Lisboa | Tel.: 21 885 55 50; Fax: 21 886 14 63; mail@chapito.org | 25% |
| CiRAC: Círculo de Recreio, Arte e Cultura de Paços de Brandão | Av. da Sobreira, n.º 328, 4535-334 Paços de Brandão | Tel.: 22 745 98 29; Telm.: 91 892 35 29; geral@cirac.pt | 15% |
| Companhia de Teatro de Braga | Teatro Circo, Av. da Liberdade, n.º 697, 4710-251 Braga | Tel.: 25 321 71 67; 25 361 21 74; ctb@ctb.pt | 50% |

| Nome | Morada | Contactos | Desconto |
|---|---|--|-----------------|
| Comuna: Teatro de Pesquisa | Praça de Espanha, 1070-024 Lisboa | Tel.: 21 722 17 70/7/9; geral@comunateatropesquisa.pt | 50% |
| Ensemble: Sociedade de Actores | Trav. da Telheira – Telheiró Avioso (Santa Maria) | Tel.: 22 982 63 18; geral@ensembledeactores.com | |
| Lua Cheia: Teatro Para Todos | Rua de Barcelona, n.º 128, Cv. – Bairro Padre Cruz, 1600-301 Lisboa | Tel: 21 154 89 79; 96 604 64 48; 93 801 87 77; teatro@luacheia.pt | 15% |
| Marionetas, Actores e Objectos Grupo de Teatro | Rua Gago Coutinho, n.º 128, r/c 4900-510 Viana do Castelo | Telemóvel: 96 367 61 74; marionetas_viana@hotmail.com | 50% |
| Quarta Parede: Associação de Artes Performativas da Covilhã | Rua Mateus Fernandes, n.º 135, 2.º-A, 6200-142 Covilhã | Tel. e fax: 27 533 56 86; qp@quartaparede.pt | 40% |
| Te-ato: Grupo Teatro de Leiria | Rua Pedro Nunes, 15 (ao Terreiro), Apartado 1066 – 2401-801 Leiria | Tel. e fax: 24 482 84 79; te-ato@alcachofra.net | 30% |
| Teatro 3 EM PIPA: Associação de Criação Teatral e Animação Cultural | Monte Novo do Serrinho, Apartado 150, 7630-909 Odemira | Tel. e fax: 28 332 28 31; Telm. 962 339 469; 3empipa@sapo.pt | 20% |
| Teatro Art’Imagem | Quinta da Caverneira, Av. Pastor Joaquim Eduardo Machado, águas Santas, 4425-253 Maia | Tel: 22 208 40 14; teatroartimagem@hotmail.com | 30% |
| Teatro da Cornucópia: Teatro do Bairro Alto | Rua Tenente Raúl Cascais, 1-A, 1250-268 Lisboa | Tel.: 21 396 15 15; info@teatro-cornucopia.pt | 20% |
| Teatro da Garagem: Teatro Taborda | Rua da Costa do Castelo, n.º 75, 1100-178 Lisboa | Tel.: 21 885 41 90; 96 801 52 51; geral@teatrodagaragem.com | 50% |
| Teatro das Beiras | Travessa da Trapa, n.º 2, Apartado 261, 6201-909 Covilhã | Tel.: 27 533 61 63; Telm.: 96 305 59 09; geral@teatrodasbeiras.pt | 40% |
| Teatro de Animação de Setúbal | Rua Dr. Aníbal Álvares da Silva, n.º 2, 1.º Esq.º, 2900-277 Setúbal | Tel.: 26 553 24 02; 93 681 05 71; 93 981 05 71; geral@tas.pt | 25% |
| Teatro de Ferro | Travessa da Formiga, n.º 65, Espaço 2, Piso 1, Campanhã, Porto | Tel.: 22 370 00 11; Tel.: 96 256 96 56; teatrodeferro@gmail.com | 20% |
| Teatro de Marionetas do Porto | Rua de Belomonte, n.º 57, 4050-097 Porto | Tel.: 22 208 33 41; teatro@marionetasdoporto.pt | 20% |
| Teatro do Bolhão: Academia Contemporânea do Espectáculo | Praça Coronel Pacheco, n.º 1 4050-453 Porto | Tel.: 22 208 90 07; escola@ace-tb.com | 50% |
| Teatro do Noroeste: Centro Dramático de Viana | Teatro Municipal Sá de Miranda, Rua Sá de Miranda, 4900-529 Viana do Castelo | Tel.: 25 882 32 59; 96 755 29 88; geral@centrodramaticodeviana.com | 50% |

| Nome | Morada | Contactos | Desconto |
|---|--|---|--|
| Associação Cultural Teatro dos Aloés | Avenida Santos Mattos, n.º 2, 2700-748 Amadora | Telm.: 91 664 82 04; teatrodosaloes@sapo.pt | 50% (válido para os espectáculos nos Recreios da Amadora, Avenida Santos Mattos, n.º 2, Amadora) |
| Teatro Experimental de Cascais | Av. Fausto Figueiredo, Edifício Teatro M. M. Casimiro, Monte Estoril, 2765-412 Estoril | Tel.: 21 467 03 20; t.e.c@netcabo.pt | 50% |
| Teatro Extremo | Rua Serpa Pinto, n.º 16, Apartado 124, 2801-801 Almada | Tel.: 21 272 36 60; teatro@teatroextremo.com | 25% |
| Teatro Fórum de Moura | Av. do Carmo, Convento Nossa Sr.ª do Carmo, 7860-018 Moura | Tel.: 28 525 44 64; teatrofmoura@gmail.com | 20% |
| Teatro Infantil de Lisboa | Estrada da Pontinha, n.º 7, 1600-153 Lisboa | Tel.: 21 715 40 57 (bilhet-eira); 21 886 05 03 (informações e escolas); info@til-tl.com | 7,00€ de desconto por bilhete |
| Teatro Nacional São João | Praça da Batalha, 4000-102 Porto | Linha verde: 800 108 675; Tel.: 22 340 19 00; geral@tnsj.pt | 5€ na compra de bilhetes para os espectáculos do TNSJ, para lugares de Plateia (também no Teatro Carlos Alberto) e Tribuna; 50%, incluindo acompanhante, mediante aquisição dos bilhetes com 48 horas de antecedência. |
| Teatro o Bando | Estrada do Vale dos Barris, Apartado 152, 2951-901 Palmela | Tel.: 21 233 68 50; geral@obando.pt | Preço único de 5€ |
| Teatro Pé de Vento: Colectivo de Animação Teatral | Teatro da Vilarinha, Rua da Vilarinha, n.º 1386, 4100-513 Porto | Tel.: 22 610 89 24; pedevento@pedevento.mail.pt | 50% |
| Teatroesfera | Rua Cidade Desportiva, Monte Abraão, 2745-012 Queluz | Tel: 21 430 34 04; falacomigo@teatroesfera.com; ameninadabilheteira@teatroesfera.com | 50% |
| Teatro da Rainha | Sala Estúdio do Teatro da Rainha, Rua Vitorino Fróis, Largo da Universidade, Edifício 2, Apartado 255, 2504-911 Caldas da Rainha | Tel.: 26 282 33 02; 96 618 68 71; geral@teatro-da-rainha.com | 50% |

| Nome | Morada | Contactos | Desconto |
|-----------------|--|---|---|
| Fundação INATEL | Calçada de Santana, n.º 180, 1169-062 Lisboa | Tel.: 21 002 70 00; inatel@inatel.pt | 10% nas unidades hoteleiras, parques de campismo e outras unidades de turismo da Fundação, nas épocas média e baixa; 10% na participação em actividades desportivas; 10% no acesso à frequência dos cursos de formação e/ou outras acções no âmbito da cultura; preço de beneficiário na aquisição dos bilhetes para espectáculos de música, dança, teatro e ópera, no Teatro da Trindade, em Lisboa, ou em outros locais onde se realizem; participação nas excursões e viagens programadas pela Fundação, desde que haja disponibilidade de lugares, nas mesmas condições dos beneficiários associados. |

SIMAMEVIP CENTRO DE FÉRIAS COSTA DA CAPARICA

O Sindicato dos Trabalhadores da Marinha Mercante, Agências de Viagens, Transitários e Pesca (SIMAMEVIP), no âmbito das suas actividades de tempos livres, possui um Centro de Férias na Costa da Caparica, constituído por 16 moradias, implantadas num espaço arborizado, a cerca de 100m da praia de São João.

Os trabalhadores e funcionários do Movimento Sindical Unitário, sindicalizados, podem também usufruir deste Centro de Férias.

Para mais informações, deverão os interessados contactar com a sede do SIMAMEVIP, pessoalmente ou através dos contactos:

Telef.: 217802250 | **Fax:** 217802259 |

E-mail: geral@simamevip.pt.



SINDICATO
DOS TRABALHADORES
DA MARINHA MERCANTE,
AGÊNCIAS DE VIAGENS,
TRANSITÁRIOS E PESCA
Av. Elias Garcia,
123 - 2.º Dt.º
1050-098 Lisboa
Telef.: 217802250 |
Fax: 217802259
E-mail: geral@simamevip.pt